



—Filme de Matt Brown ilumina questões como fé, ciência e destino

A caminhada de Freud, da razão ao inconsciente

Hopkins como Freud, em Londres: traumas em tempos de guerra



LUIZ ZANIN ORICCHIO
ESPECIAL PARA O ESTADO

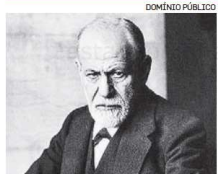
Os dois personagens de *A Última Sessão de Freud* são reais. Um deles já está no título da obra – Sigmund Freud (1856-1939), o pai da psicanálise, bruxo do inconsciente, aquele que destronou a razão do centro do nosso psiquismo. O outro, que comparece à tal última sessão, é o escritor C.S. Lewis (1898-1963). Navida real não se encontraram pessoalmente, ou pelo menos isso é duvidoso.

Quem deu um jeito de reuni-los no mundo da ficção foi o dramaturgo norte-americano Mark St. Germain, autor da peça agora transformada em filme dirigido pelo cineasta Matt Brown e que entra diretamente no streaming pelo Amazon Prime Video. A peça é baseada no livro *Deus em Questão*, de Armand M. Nicholi Jr, psiquiatra da Harvard Medical School.

Estamos em Londres, em setembro de 1939. Hitler inva-

diu a Polônia, a guerra começou, apesar dos esforços de Neville Chamberlain, então primeiro-ministro britânico, de passar pano para o nazismo e tentar uma solução pacífica para o expansionismo alemão. A população de Londres teme que, de uma hora para outra, os aviões da Luftwaffe cheguem para bombardear a cidade. As sirenes tocam com frequência e as pessoas saem à rua sempre com máscaras contra gases.

Nesse ambiente de paranoia, o encontro entre Freud (Anthony Hopkins) e Lewis (Matthew Goode) ganha contornos dramáticos. A guerra, antes uma hipótese, agora é palpável, prestes a cair sobre a cabeça dos civis, sejam estes pacifistas ou belicistas. Cada um dos personagens tem seus motivos particulares para se sentir pressionado além da média da população londrina. Freud está muito doente. O câncer no maxilar avança e provoca sofrimento. Sabe que não vai durar muito. Vive à custa de morfina, em doses cada vez maiores.



Pai da psicanálise no streaming

‘A Última Sessão de Freud’, de Matt Brown, não foi para o cinema e já está disponível no Amazon Prime Video

Lewis é um sobrevivente da Primeira Guerra Mundial, na qual lutou e sofreu o horror das trincheiras. Ante a iminência de nova guerra, seus traumas voltam à tona. Na primeira vez que desce a um abrigo antiaéreo, começa a tremer de forma incontrolada. Freud tenta ajudá-lo.

CAMPOS OPOSTOS. Mas não é uma relação paciente-analista a que se estabelece entre os dois. Pelo menos não no sentido mais convencional. Mais do que relação terapêutica entre Freud e Lewis, há um debate de ideias, já que os dois militam em campos opostos, em particular no domínio da religião.

Freud é um materialista, formado na ciência, ateu e cético, autor de *O Futuro de uma Ilusão*, denúncia da religião como um sistema de crenças falsas. Perplexo com a agressividade dos homens, Freud também não acreditava muito na espécie e, em *Além do Princípio do Prazer*, havia formulado a hipótese de uma pulsão de morte, que

conviveria às turras com seu oposto, Eros, ou a pulsão de vida. Em 1930, havia escrito seu ensaio lapidário, *O Mal-Estar na Civilização* (ou na Cultura, segundo a tradução), no qual postula que a sociedade humana se baseia na repressão dos instintos (ou pulsões) destrutivos, como condição mesma de existência. Só que essa repressão – necessária – causa uma inevitável sobrecarga psíquica, traduzida em mal-estar. Para existir, a sociedade paga o preço em repressão de pulsões e neurose. A civilização vive nessa contradição, ou nesse equilíbrio instável e custoso.

C.S. Lewis, professor em Oxford, passa do ateísmo a um cristianismo douto. Acredita em Deus e procura defender a fé com argumentos racionais. Ou que assim parecem. Faz parte de um círculo literário na universidade, no qual se inclui J.R.R. Tolkien, criador de *O Senhor dos Anéis*. Também Lewis se dedica a uma literatura de corte fantástico. É autor de *Contos de Nárnia*, que, como os escritos de seu co-
③